

■ COMENTÁRIOS & PERSPECTIVAS

Eleição Presidencial

Copa eleitoral nas semifinais

Newton Rodrigues *

Quarenta e oito anos depois, terá morrido a maior parte dos que sofreram a derrota brasileira no Maracanã. Mas os sobreviventes lembrarão a semelhança do clima de "já ganhou" que envolveu o selecionado de então com o que antecedeu a fragorosa derrota de agora, em Paris. Nelson Rodrigues é o autor de uma tirada segundo a qual a seleção é o Brasil em chuteiras, o que virou convicção de milhões açulados pela mídia. Pode-se imaginar o que significou isso sobre os nervos de jogadores postos na falsa situação de responsáveis por uma afirmação nacional. Ronaldinho exemplifica o fenômeno: na véspera, emocionado, afirmou estar disposto a morrer em campo pela taça; no dia do jogo, o sistema vagossimpático quase o impediu de atuar e levou-o a fraco desempenho, apesar de geradas em seus pés as duas maiores dificuldades ao goleiro francês; após a derrota, continuou em crise existencial.

Em matéria política, o fim indesejado da Copa tem efeitos diretos. Frustrou planos eleitorais de faturar o penta, possivelmente com feriado nacional e recepções em todo o País a que não faltariam, depois do presidente, governadores, recandidatos ou não.

Algumas homenagens foram mantidas, inclusive com distribuição de medalhas, pois seria pior cancelá-las, mas ninguém pode capitalizar a derrota. Sem bola rolando ou taça brilhando, a política volta ao lugar que lhe cabe na ordem natural das coisas, até porque vai ser desencadeada a campanha oficial dos candidatos.

Como preliminar, as últimas semanas confirmaram acentuada oscilação de grande parte do eleitorado, que, mesmo optando no momento por qualquer dos candidatos-chave, admite mudar de idéia. A queda anterior de FHC e a aproximação de Lula foram bloqueadas e os índices passaram a indicar reversão. Se apenas o Ibope

está admitindo a vitória definitiva do presidente no primeiro turno, o Datafolha confere-lhe boa margem de dianteira, estimando-a em 12 pontos (40 x 28), no primeiro turno, e ainda maior no segundo. Assinalam-se,

ainda, a queda de pontos e o aumento dos índices de rejeição ao petista.

No caso de Fernando Henrique, a melhor deve ser atribuída, em maior parte, a medidas administrativas de efeitos políticos, como a diminuição do IOF, a campanha

contra os falsificadores de remédios, facilidades para aquisição de casa própria e aumento de vencimentos do funcionalismo, determinado pelo Judiciário, mas alongado pelo Executivo, quanto aos atrasados, por oito anos, tempo suficiente para a morte de numerosos aposentados idosos. Há outros fatos amáveis para o Planalto. Durante mais de dois anos, o governo perseguiu dois objetivos estratégicos fundamentais: ter Lula como principal adversário e bloquear qualquer possibilidade de candidatura que se pudesse articular como de centro-es-

querda, reunindo os partidos que hoje apóiam o petista, tendo à frente alguém capaz de inspirar confiança ao eleitorado. As duas estações foram fincadas.

No caso da Presidência, erros visíveis da oposição ajudaram o tucano. A inclusão de Brizola como vice não terá sido alheia ao aumento de 4 pontos nos índices de rejeição a Lula. Em outras áreas, repetiram-se os desastrosos. A inegável derrota do Planalto na tentativa de incorporar oficialmente o PMDB a seu esquema de forças, seguiram-se episódios que tornaram mais difícil, embora ainda não impossível, a viabilidade de uma terceira via. Merecem referência o abandono, por Itamar, das pretensões presidenciais e seu arranjo com Newton Cardoso,

publicamente auxiliado pelo ministro da Justiça, e a decisão de importantes membros do PMDB autonomista de apoiar Lula.

A campanha, na qual FHC dispõe de forte máquina e tempo abundante, é que decidirá o desfecho e, talvez, a viabilidade de uma terceira candidatura com possibilidades de êxito. Afinal, o imprevisto permanece criador de fatos. Ainda recentemente, a morte de Sérgio Motta e Luís Eduardo Magalhães, no espaço de poucos dias, resultou em fortes danos

aos planos presidenciais. Acusam os fernandistas o candidato petista de limitar-se a generalidades, sem especificar como realizaria seus planos. Ao discurso de Lula não se pode negar o excesso de metas douradas, comum aos pretendentes a cargos executivos, profetas da "terra prometida" e réus de descumprimentos. Mas se ele está atrasado em formulações específicas, FHC, apesar de quase quatro anos de exercício da Presidência, também não detalhou seu programa. A amplitude das duas frentes de apoio impõe-lhes malabarismos verbais.

Os pleitos estaduais, até agora despertando menor interesse, vão crescer em importância e atingir, com virulência diversa, esquemas dificilmente alcançados pelas cúpulas partidárias, nas duas áreas principais de disputa. A aliança Lula-Brizola é tí-

pica a respeito. No Rio, por ultimato público do gaúcho, foi desrespeitada pelo PT a decisão da maioria partidária local e, qualquer que seja o resultado do recurso de Vladimir Palmeira contra a imposição da direção nacional, acionada por Lula, o eleitorado petista não votará unido no pleito. Em outros estados importantes, Rio Grande do Sul e São Paulo, PDT e PT marcham desunidos, com candidatos separados aos governos, senatoriais e deputações.

É ingênuo supor que disputas entre aliados navegarão sempre em mar-de-rosas. Não têm menor monta os problemas de FHC, que só terá palanques unificados dos partidos que o apóiam em poucos estados, ficando de fora do esquema unitário São Paulo e Rio de Janeiro, enquanto em Minas a presença de Itamar ameaça o governador tucano. O medo de naufrágio nesse "triângulo das Bermudas" tira o sono de governistas, temerosos de que nova crise financeira externa atinja nossa economia dependente e globalizada.

Carreiras são carreiras, eleições são eleições e por ora não há desfecho previsível, embora o favoritismo presidencial permaneça. Certa é a dificuldade de governabilidade que terá qualquer vencedor.

*Jornalista.



Sem bola rolando ou taça brilhando, a política volta ao lugar que lhe cabe na ordem natural das coisas